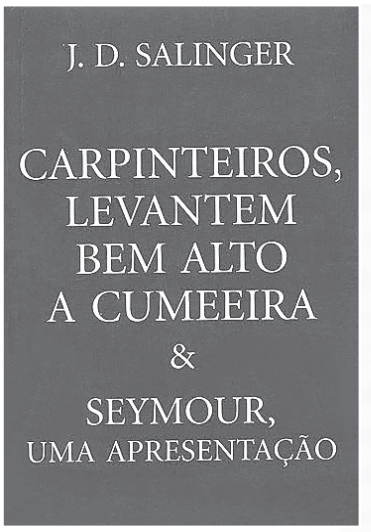
Porto Alegre, segunda-feira, 21 de janeiro de 2008 - Edição 129 - Ano 75

Panorama

Jornal do Comércio

LITERATURA

O mundo fascinante de J.D. Salinger





HULTON GETTY/LIAISON AGENCY/JC

Escritor - em 1953 e em 1988 - tem relançadas duas novelas, que se somam a outras duas, um romance e um volume de contos

Eduardo Lanius

O escritor norte-americano J.D. Salinger, convertido em clássico contemporâneo desde que *O Apanhador no Campo de Centeio* (1951) ganhou difusão planetária, é um dos mitos mais fecundos da literatura ocidental. De temperamento insociável e avesso a aparições públicas, nem mesmo lançou textos inéditos nas últimas quatro décadas, embora, ao que se saiba, mantenha originais escondidos da curiosidade alheia no cofre de casa, em Cornish (New Hampshire, EUA). A narrativa curta *Hapworth 16, 1924*, estampada nas páginas de *The New Yorker* em 1965 e jamais reunida em volume, assinalou o fim da carreira editorial do esquivo ficcionista, autor de cerca de outras duas dezenas de histórias espalhadas por revistas e antologias e nunca coligidas. A bibliografia oficial de Salinger é, portanto, constituída pelo romance que lhe deu aclamação internacional, a seleção de contos *Nove Estórias* (1953) e as novelas interligadas *Franny & Zooey* (1961), *Carpinteiros, Levantem Bem Alto a Cumeeira* e *Seymour, Uma Apresentação* (1963). Não obstante o legado parcimonioso, ele possui uma legião quase incondicional de admiradores.

Carpinteiros, Levantem Bem Alto a Cumeeira & Seymour, Uma Apresentação (L&PM, tradução de Jorio Dauster, 182 páginas, R$ 12,00) - também divulgadas como *Pra Cima Com a Viga, Moçada!* e *Seymour, Uma Introdução*, na edição da Brasiliense de 1984 - acrescentam novas informações sobre a família Glass, já dada a conhecer em *Nove Estórias* e *Franny & Zooey* (e *Hapworth 16, 1924*). Os Glass são formados pelos pais, Les e Bessie, e seus filhos Walt, Waker, Boo Boo, Franny, Zooey, Buddy e Seymour, de propensão às artes (seja a escrita, o teatro ou a dança). *Carpinteiros, Levantem Bem Alto a Cumeeira*, a melhor do lote, narra poucas horas na vida de Buddy, que, em pleno casamento de Seymour e Muriel, vê a cerimônia se dissolver devido à ausência do noivo. *Seymour, Uma Apresentação* se assemelha a um inventário entre biográfico e laudatório do integrante dos Glass, cujo suicídio havia ocorrido sete anos atrás, aos 31 anos, enquanto passava as férias ao lado da mulher, em um hotel. Seymour, nas duas, é revelado pelo olhar de Buddy, que o entende sob a ambigüidade dos adjetivos *místico, desajustado* e *iluminado*.

Salinger é mestre consumado em combinar dito e não-dito, em um estilo que dosa economia verbal a jogos elípticos de rara expressividade. *Carpinteiros, Levantem Bem Alto a Cumeeira* e *Seymour, Uma Apresentação*, se não exibem a força incisiva de *O Apanhador no Campo de Centeio* ou *Nove Estórias*, têm estatura para oferecer aos interessados elementos adicionais à obra mais difundida. Buddy e Seymour partilham com Holden Caulfield - o protagonista de *O Apanhador no Campo de Centeio* - um germe de inconformidade, de insubordinação espiritual, que decerto sempre terá algo a falar aos corações e mentes de todas as gerações, em particular aos jovens (não sem motivo a aventura de Caulfield conquistou amplo espaço a partir da descoberta dos estudantes dos Estados Unidos, que a cumularam de um fervor não menos do que religioso). Seymour, tal qual os mitos, suscita múltiplas interpretações, renova-se constantemente (seu homófono *see more*, "ver mais", remete a "vidente" ou "visionário", o que ele teria sido, ainda que Buddy enfrente dificuldades ao procurar propô-lo em palavras, algo por si só ilustrativo de um caráter complexo, inabarcável).

Para todos os efeitos, a posteridade escolheu *O Apanhador no Campo de Centeio* como título principal de Salinger, embora *Nove Estórias* ocupe um lugar confortável entre as coletâneas obrigatórias (*Um Dia Ideal Para os Peixes-Banana*, sobre os acontecimentos que precederam o suicídio de Seymour, e *Para Esmé, Com Amor e Sordidez*, a respeito de um soldado que conversa com uma moça em um café e parte depois para a guerra, merecem referência). Já a abertura de *O Apanhador no Campo de Centeio* é célebre ("Se querem mesmo ouvir o que aconteceu, a primeira coisa que vão querer saber é onde eu nasci, como passei a porcaria da minha infância, o que meus pais faziam antes que eu nascesse, e toda essa lenga-lenga tipo David Copperfield, mas, para dizer a verdade, não estou com vontade de falar sobre isso", comparável à frase inicial de *Anna Karênina*, de Lev Tolstoi, "Todas as famílias felizes se parecem, cada família infeliz é infeliz à sua maneira"). Uma vez lida, é difícil escapar ao poder de encantamento que a peculiar dicção de Salinger consegue exercer sobre o leitor, então, de maneira geral, irremediavelmente fisgado.

Caulfield é um rapaz de 17 anos recém-feitos, alto, desengonçado e mentiroso, que odeia cinema (e muito mais...), admirador de Thomas Hardy e *O Grande Gatsby*, ex-aluno do internato escolar de Pensey (de onde foi expulso). Filho de um rico advogado, ele volta incógnito para Nova Iorque, alguns dias antes de ter de enfrentar seus pais e lhes explicar por que "levou bomba" nos exames. No meio do caminho, visita um professor de História, conversa com a mãe de um colega no trem, rejeita os serviços de uma prostituta e convida uma ex-namorada para assistir a uma peça teatral. Gosta dos irmãos Phoebe e D.B., mas, sobretudo, dirige ao mundo circundante, nos dois dias em que dura o romance, uma série sem fim de impropérios (é curioso que ele seja prefigurado, em determinados traços, em outro idealista sentimental das letras estadunidenses, o *alter ego* de John Fante, Arturo Bandini, de *Espere a Primavera, Bandini* e *Pergunte ao Pó*). Desajustado e instintivo (como Seymour), imaturo e lírico, Caulfield é um sintoma de que algo vai mal na adolescência - meio século depois, sua voz de rebelde angustiado ainda se faz ouvir, ecoante e atualíssima.

Um trecho de Carpinteiros, Levantem Bem Alto a Cumeeira

"Fiquei algum tempo do lado de fora do quarto, na bendita solidão do corredor, pensando no que fazer com o diário do Seymour, que, me apresso a dizer, era o objeto que apanhara na valise de lona. Meu primeiro pensamento construtivo foi escondê-lo até que os convidados partissem. Pareceu-me uma boa idéia levá-lo para o banheiro e jogá-lo na cesta de roupa suja. Entretanto, tendo seguido até o fim uma segunda e mais complexa linha de raciocínio, decidi levá-lo para o banheiro e ler alguns trechos antes de atirá-lo na cesta de roupa suja.

Era um dia, Deus sabe, repleto não apenas de símbolos e sinais, mas de longuíssimas comunicações por escrito. Se você pulasse para dentro de um carro cheio de passageiros, o Destino ter-se-ia encarregado cuidadosamente de assegurar, antes mesmo de o carro entrar em cena, que você estaria levando consigo um caderno de notas e um lápis na hipótese de que um dos companheiros de viagem fosse surdo-mudo. Se você entrasse num banheiro, era de bom alvitre reparar se havia alguma pequena mensagem, ligeiramente apocalíptica ou não, acima da pia.

Ao longo dos anos, entre os sete filhos de uma família que dispunha de um único banheiro, desenvolvera-se o hábito talvez enfadonho mas eficaz de deixar mensagens uns para os outros no espelho do armário de remédios, utilizando-se um restinho de sabonete úmido para escrever. O tema das mensagens consistia em geral de fortes repreensões e, freqüentemente, de claras ameaças. 'Boo Boo, pendure a toalha de rosto quando acabar de usá-la. Não deixe no chão. Beijos, Seymour.' 'Walt, agora é a tua vez de levar o Z. e a F. para o parque. Adivinha quem.' 'Quarta-feira é o aniversário de casamento deles. Não vão ao cinema, não fiquem conversando no estúdio depois do programa nem faltem por qualquer outra razão. Isso também se aplica a você, Buddy.' 'Mamãe disse que o Zooey quase comeu o remédio para prisão de ventre. Não deixem na pia coisas minimamente venenosas que ele possa alcançar e comer.' Esses, obviamente, são exemplos colhidos na nossa infância, mas anos depois, quando em nome da independência ou sei lá o quê Seymour e eu saímos de casa e nos estabelecemos num apartamento só nosso, ambos havíamos escapado apenas nominalmente do velho hábito familiar."